

O xerife está de volta



» ANDRÉ GUSTAVO STUMPF
Jornalista

No artigo publicado após o Natal, afirmei que o governo brasileiro previa a invasão da Venezuela pelos norte-americanos logo depois da virada do ano. A previsão foi absolutamente correta. Os brasileiros reforçaram os mecanismos de acolhida na fronteira com o país vizinho na expectativa de que haveria uma explosão de migração em Roraima. Não aconteceu. A operação norte-americana foi auxiliada de dentro. Alguém, com poder, decidiu entregar o ditador todo poderoso à custa da morte de seus guarda-costas cubanos e alguns venezuelanos. Tudo correu com o menor derramamento de sangue possível numa situação extrema, como foi o ocorrido nos céus de Caracas e arredores. Maduro perdeu o poder, mas curiosa e estranhamente, seus principais auxiliares continuaram a dar as ordens, respaldados pelo governo de Washington.

A população, que conhece as manias do pessoal que está no poder, decidiu ficar em casa. Ninguém correu as ruas para comemorar ou lamentar. É muito cedo. As milícias, organizadas pelo homem forte do regime, Diosdado Cabello, estão armadas e disponíveis para baixar o cacete em quem se meter a comemorar a vitória dos ianques. Os jornalistas naturalmente são perseguidos e proibidos de atuar no país. Quem insistir vai preso. Ou simplesmente desaparece. Em Washington, ao contrário, há um clima de vitória na transformação da Venezuela de

país independente em protetorado norte-americano, conduzido pelo comércio do petróleo. É uma vitória complicada. A ação militar foi sensacional e bem-sucedida. Mas está longe de garantir a manutenção da ordem no país.

As operações militares dos Estados Unidos caracterizam-se pela capacidade de criar uma situação definitiva no primeiro momento. Foi assim no Iraque, na Líbia e no Afeganistão. Mas, diferentemente da primeira batalha, dominar um país exige competência política, objetivos definidos e muita interação com os locais. Nos três casos, o exército norte-americano destruiu o país, saqueou o que havia de valor, mas desmontou as forças políticas internas. A Líbia hoje não tem governo. O Iraque perdeu sua identidade. Nos dois casos, o petróleo passou a ser dominado por empresas norte-americanas. No Afeganistão, depois de dezenas de anos de dominação, os soldados foram embora e deixaram o poder nas mãos daqueles contra quem haviam lutado. Sem falar no Vietnã. Americanos lutaram ao lado do Vietnã do Sul, país que não existe mais. O Vietnã do Norte invadiu o Sul e consagrou a existência de um único país, comunista à maneira chinesa.

A operação Venezuela teve como justificativa a acusação de que Maduro era controlador do grupo Cartel de Los Soles. Depois, descobriu-se que esse cartel não existe. Na invasão do Iraque, o governo alegava que o país tinha armas de destruição em massa. Tudo mentira. Os iraquianos possuíam alguns rifles antigos, tanques enferrujados e nada mais além de bazófias do antigo regime. O presidente, antes como hoje, agiu ao arrepio da própria lei norte-americana. Fez guerra sem consultar o Congresso. Nem declarar a agressão ao agredido. Ação fulminante. Cirúrgica. O xerife norte-americano tem licença para matar, sequestrar e atacar

navios em pleno mar. Desde a época dos piratas ingleses, no século 19, não acontecia algo semelhante no Oceano Atlântico.

A situação na Venezuela é curiosa. A presidente Delcy Rodríguez precisa fazer um discurso vigoroso para seu público interno. E, com a outra mão, deve negociar com os norte-americanos. Ela já tinha feito acordo com a Chevron, grande petroleira norte-americana. Agora, ampliou para outras empresas com a promessa de fornecer 50 milhões de barris de petróleo para os norte-americanos e se comprometer com a compra de bens e serviços no mercado daquele país. O protetorado tem clara preocupação econômica, situação que remonta ao tempo das navegações portuguesas. Os representantes de El Rey de Portugal bombardeavam portos na Índia até que os locais concordassem em negociar prioritariamente com eles, portugueses. A lógica de Trump é a mesma. Vale a lei do mais forte.

Tudo isso terá consequência na política internacional. Se a teoria das zonas de influência prevalecer, a China poderá tomar Taiwan, sem receio de retaliações. E a Rússia, que tenta há quatro anos subjugar a pequena Ucrânia, poderá efetivar sua dominação para desespero dos governos da Europa, que estão revendo o perigo russo nas vizinhanças. Isso é apenas uma suposição. Os norte-americanos poderão se sentir tão empoderados a ponto de defender a Ucrânia e Taiwan e se proclamarem o grande xerife internacional. Trump decidiu elevar o já fabuloso orçamento de defesa dos Estados Unidos. Ou seja, ele quer mais: Groenlândia, Panamá e até Canadá o aguardam. E o Brasil, nas eleições de outubro, pode ter algumas surpresas por meio de candidatos muito endinheirados, escoltados por poderosos profissionais de relações públicas. Nada é impossível para o grande irmão do norte.

O momento é decisivo para o futuro da democracia. Aqui e no mundo



» PAULO JOSÉ CUNHA
Jornalista, professor e escritor

O planeta está vivendo um desses momentos decisivos para o futuro, quando as instituições são instadas a se pronunciar com firmeza e usar seu poder de coerção para barrar aventuras autoritárias. Um ano atrás, o Brasil — logo o Brasil, que já enfrentou duas ditaduras! — deu uma lição ao mundo aplicando punição exemplar aos que tentaram dar um golpe de Estado para perpetuar no poder um dos piores presidentes que já tivemos e que, justamente por liderar a intontona golpista, está cumprindo pena de 27 anos de cadeia.

Donald Trump, com a invasão da Venezuela e o sequestro de Nicolás Maduro, precisa ser contido — e punido! — exemplarmente, sob pena de o equilíbrio internacional entrar em colapso e se implantar de forma definitiva e normal a política do vale-tudo. Aqui, a malta golpista está na cadeia. Lá, o presidente da República do mais poderoso país do mundo está refastelado naquela cadeira da Casa Branca, tendo à sua frente um “botão vermelho” que pode simplesmente extinguir a vida sobre a Terra. Organismos como a ONU até aqui apenas cumpriram protocolos, realizaram atos formais, sem que nada de concreto tenha sido feito contra Donald Trump, que agora volta os olhos cobiosos para Groenlândia, sem qualquer pudor em revelar seus ímpetos napoleônicos narcisistas, colocando-se acima de qualquer princípio democrático.

A comparação entre a atitude das instituições democráticas brasileiras frente à tentativa de golpe por aqui e a absoluta impunidade com que age o presidente da mais poderosa nação do mundo são essenciais para a melhor compreensão da cena atual. Até porque, com o veto de Lula ao PL da Dosimetria, que beneficia diretamente Bolsonaro e seus asseclas que protagonizaram a “apoteose da boçalidade”, na expressão do jornalista Severino Francisco, novamente as instituições brasileiras serão postas à prova. Os vetos terão de ser apreciados pelo Congresso, e há o risco real de serem derrubados, mantendo essa meia anistia que se pretende instituir em benefício dos que atentaram contra a democracia sem pudor até de planejar o assassinato de um presidente legalmente eleito, seu vice e o presidente da Suprema Corte.

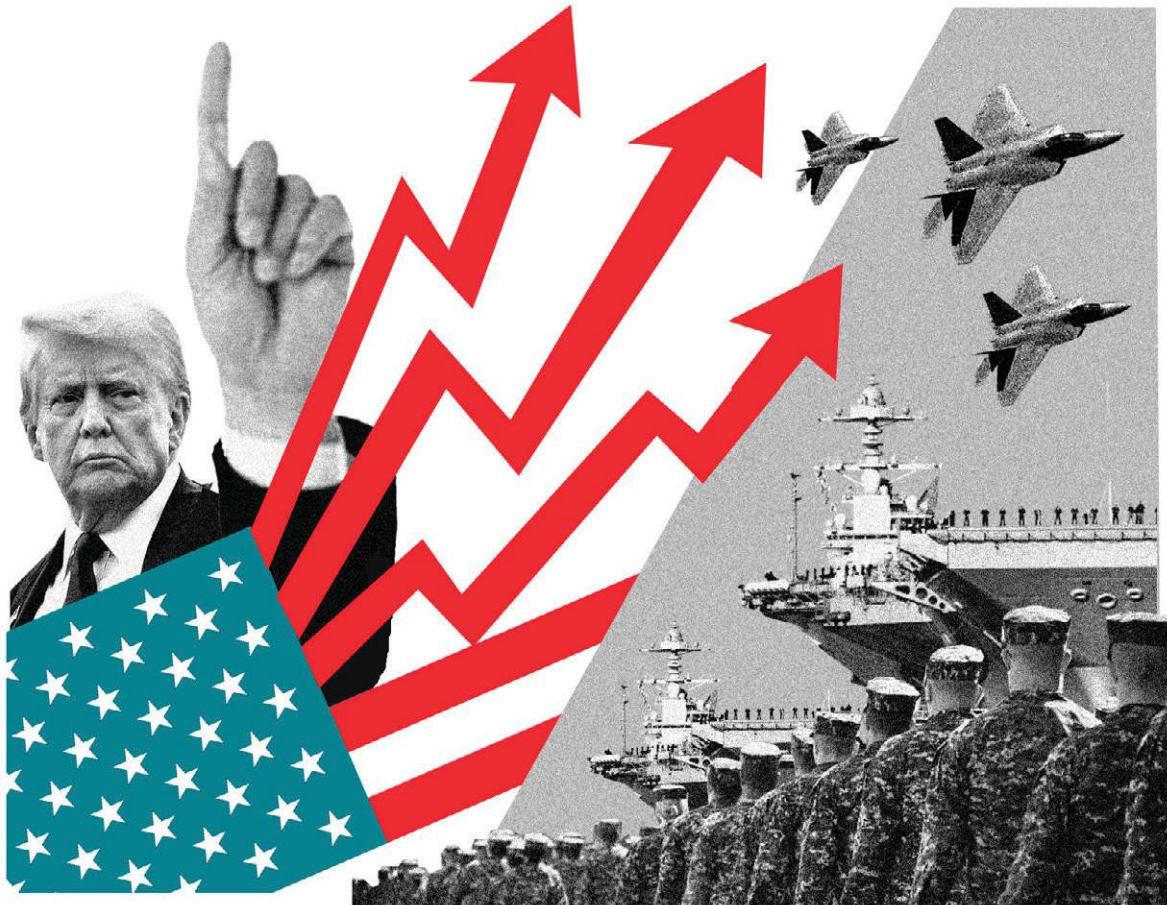
Mal comparando, se a democracia foi ameaçada por aqui, ela está sendo é literalmente pisoteada na que se considerava, até outro dia, a mais importante democracia do mundo. Convinhamos que não é pouca coisa.

Salta à vista a inexistência de mecanismos eficazes de autoproteção à democracia a partir de países como os Estados Unidos, onde um presidente faz e acontece e tudo permanece rigorosamente da mesma forma. Trump vem exercendo o poder de forma abertamente autoritária e em completo desacordo com todo o arcabouço jurídico internacional relativo ao funcionamento das instituições democráticas. E o fato de não ter dado a menor importância ao Congresso norte-americano, que não foi sequer avisado da invasão à Venezuela, quanto menos consultado sobre a ofensiva, dá bem uma ideia do quanto as instituições americanas estão solapadas e ineficientes. Um esboço de reação aconteceu no último dia 8, quando o Congresso avisou a Trump que ele está impedido de usar a força militar “dentro ou contra a Venezuela” sem aprovação do próprio Congresso. Algo digno de elogio, sim. Mas de uma suavidade tal que mais parece aquela mãe que, diante de uma traquinagem do filho, diz: “Desta vez, passa. Mas não faça de novo, viu?”

Sim, e pela milésima vez: Maduro é um ditador sórdido, responsável pelo assassinato de dezenas, talvez centenas de seus compatriotas. Mas nada justifica que outra nação, em flagrante violação das normas de convivência internacional, se arrogue o direito de intervir, assassinar dezenas de pessoas e sequestrar o presidente em exercício, ainda que tenha se entronizado no poder prevalecendo-se de uma fraude eleitoral.

De volta ao início: o momento é extremamente delicado, crucial para a sobrevivência da plantinha frágil a que se referia Otávio Mangabeira. Personalidades de relevo nas mais diversas áreas estão sendo convocadas a usarem as armas disponíveis — a pena, a voz, as redes sociais, os meios formais de comunicação — e, assim, ajudarem a (re)criar um ambiente democrático forte a ponto de repelir no nascedouro investidas golpistas e/ou intervencionistas como as que vimos assistindo. Aqui e pelo mundo.

Caio Gomez



Rede de Mulheres Negras do Centro-Oeste: Cerrado como território de resistência



» IZETE SANTOS DO NASCIMENTO
Mestra em processos de desenvolvimento humano e saúde (UnB), professora-pesquisadora, integra a Coordenação Colegiada da Remnco

SÔNIA CLEIDE FERREIRA DA SILVA
Ativista social e fundadora do Grupo de Mulheres Negras Malunga, integra a Coordenação Colegiada da Remnco

A resistência das mulheres negras no Centro-Oeste não é um gesto isolado, mas um movimento contínuo que atravessa o tempo e finca raízes no coração do Brasil. No Cerrado — território de ventos, veredas e sabedorias antigas —, germina a força de quem aprendeu a transformar dor em sementeira. É nesse chão de contrastes, onde o sol queima e a vida insiste, que as mulheres negras, indígenas, quilombolas e de comunidades tradicionais reescrevem diariamente a história da região, conectando ancestralidade, presente e futuro. Suas trajetórias, marcadas pela luta coletiva e pelo compromisso com o bem-viver, fazem do Cerrado não apenas um bioma, mas um território de resistência, aonde cada passo dado é também um ato de memória e esperança.

O Cerrado é mais que paisagem: é memória viva, é corpo e reza, é tambor e travessia. Nele floresce a lembrança de Leodegária de Jesus, poeta goiana que, mesmo silenciada por um mundo racista e patriarcal, ergueu sua palavra como espada e canção. Nossas histórias, antes dispersas, encontram

na Rede de Mulheres Negras do Centro-Oeste o fio que as costura — um manto tecido com a fibra das que nunca desistiram.

Nos encontros dos coletivos de mulheres negras, quilombolas e de comunidades tradicionais, cis, trans, nas margens dos rios, nos terreiros, territórios, renasce o gesto ancestral de reunir-se. Assim, nasceu, em 2025, a Rede de Mulheres Negras do Centro-Oeste (Remnco): da escuta e do encontro, da necessidade de nomear-se e reconhecer-se, da urgência de transformar o isolamento em força coletiva. Já éramos 16 organizações unidas pelos quatro ventos da região — Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul — que reafirmam: sem a voz e a centralidade das mulheres negras, não há transformação social possível.

No encontro virtual de lançamento — um gesto simbólico de retomada e reafirmação de pertencimento —, quatro perguntas ecoaram como bússolas a guiar a caminhada: quem são as mulheres negras da região Centro-Oeste? Por que precisamos de uma Remnco? O que as mulheres Negras do Centro-Oeste precisam e querem? Como a Rede deve se comunicar? Essas perguntas, além de um ponto de partida, são um horizonte permanente de reflexão-ação e seguem nos guiando, como cantos antigos que ressoam em cada decisão, lembrando-nos de que pensar o futuro é também revisitar o passado com coragem e ternura.

São mulheres das águas, do campo e da cidade, partilhando saberes e dores, reafirmando que a luta é também um modo de viver. Dali brotou a certeza de que cada passo dado é continuação de uma caminhada longa, aberta por pés descalços de nossas mais velhas.

A Remnco nasceu do sonho semeado na Assembleia da Articulação de Mulheres Negras Brasileiras, em Salvador, em 2022. Sonho que

atravessou o Atlântico das ideias e floresceu no coração do Brasil. Somos filhas do fogo e da palavra, e aprendemos que resistência é também produção de conhecimento: cada corpo negro que ocupa os territórios é um ato de desobediência, ora popular, ora epistemológico, contra o emudecimento das vozes negras.

Nosso lema — O Cerrado como território de resistência — é bússola e raiz. Entre as veredas e chapadas, aprendemos que resistir é também florescer: o ipê que rasga o solo seco anuncia que a vida insiste. Assim somos nós — flores que se abrem na aridez do descaso, árvores que abrigam outras vidas, sementes que não se rendem ao fogo.

A Rede se move guiada por valores que atravessam o tempo: coletividade e solidariedade, ninguém caminha só; ancestralidade e memória — toda ação é retorno; radicalidade e justiça social — o direito à vida é inegociável; e o bem-viver, que é mais que sobrevivência — é o direito de existir em plenitude, sem violência, com dignidade e afeto.

Marchamos para o futuro de mãos dadas com a história. A 2ª Marcha das Mulheres Negras, em 25 de novembro de 2025, foi um marco dessa travessia. Marchamos por reparação, por justiça e por bem-viver, para que nossas filhas herdem não o medo, mas a liberdade; para que cada mulher negra do Centro-Oeste possa dizer, em voz alta e serena: “Nós somos as que herdaram o sonho e o transformaram em caminho”.

E, quando o Sol descer sobre o Cerrado e o vento sussurrar entre as árvores retorcidas, nossas vozes continuarão ecoando — vozes que não se calam, vozes que escrevem o amanhã com o mesmo barro sagrado que moldou o ontem. Porque, enquanto houver mulher negra de pé neste chão, haverá resistência; enquanto houver Cerrado, haverá vida! O Cerrado como território de resistência!